

cidade@jb.com.br

Terceira idade em harmonia com o Rio



Adeptos dos exercícios ao ar livre, as integrantes dos grupos de terceira idade chegam cedo ao Posto 6 e disputam espaço na orla com jovens de pernas torneadas e de pele bronzeada

Com a maior concentração de idosos do Brasil, cidade atrai quem quer envelhecer sem perder a atividade

DANIELA DARIANO

Nada de pernas torneadas, corpo violão, pele lisa e sorriso de propaganda de pasta de dente. Também esqueça os homens atléticos percorrendo o calçadão de Copacabana. A capital que vende ao turista a imagem da juventude dourada da Zona Sul, com corpos esculpturais, está a caminho da terceira idade.

No Brasil, o Rio é a cidade com maior número de idosos proporcionalmente à sua população. São 850 mil os cariocas com mais de 60 anos, 12,1% dos habitantes, concentrados principalmente em Copacabana. São Paulo é a segunda cidade do ranking, com 8,7%, e Belo Horizonte, a terceira, com 8,3%. E a tendência é que essa população cresça mais. O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, disse na Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, na segunda-feira, em Madri, que, nos próximos 50 anos, o número de pessoas com mais de 60 vai mais que quadruplicar no mundo, passará de 600 milhões para quase 2 bilhões. O envelhecimento da população se deve à baixa taxa de fecundidade e ao aumento da expectativa de vida.

Cidade ideal — Por mais que a tumba da terceira idade não seja — ainda — parte do cartão-postal do Rio, eles vivem a cidade como ninguém. Em quiosques próximos ao Posto 6, são 40% dos clientes. "As 5h começam a chegar para a caminhada. As 6h, vem a turma da natação", conta Antonio de Oliveira, funcionário

de um quiosque. Os jovens dos anos 50 — do nascimento da Bossa Nova e da despedida da seleção de camisa branca — não se sentem excluídos da imagem do carioca saudável. "Eu cultivo isso", orgulha-se o desembargador aposentado Pedro Lageiro, 74. Com três pontos de salina, ele mantém o vigor com caminhadas matutinas no calçadão. "O Rio é a cidade ideal. Quer religião? Olhe para o Cristo Redentor. Quer filosofia? Olhe o mar. Quer prazer? De um mergulho", sugere.

Projetos para o futuro? "Viver", a prônia resposta de Pedro é compartilhada por Refka Canetti, 75, Sirri Kinkizian, 80, Sara Medeiros de Albuquerque, 84, e Diviz da Costa, 73. Elas são três turcas vindas para o Rio ainda adolescentes "atrás de marido" e uma carioca da gema, amigas que não trocam a cidade por nenhum lugar no mundo. Bate-papos no Posto 6, caminhadas e um mergulho na Praia do Arpoador fazem da capital fluminense — o lugar da melhor velhice.

Mercado — De olho nesse mercado crescente, multiplicam-se as opções de lazer e turismo. "O Rio está se especializando na diversão para idosos", acredita Pedro, que frequenta bailes de galinha com a esposa, Cândida, 71. "O baile para para ver a gente dançar", conta o advogado, que se orgulha de ter jogado no Flamengo em fins dos anos 40 com vários craques da seleção de 50.

O empresário André Schechter percebeu a oportunidade em 1995, quando transportou a idêia de um

hotel de luxo destinados a idosos dos Estados Unidos para o Rio. O Cristal Palace Residence, em Copacabana, foi o pioneiro no Brasil e ainda é o único na cidade. Com as 24 suítes ocupadas — 80% por moradores fixos, que pagam em média R\$ 3.500 mensais —, o hotel oferece café da manhã, almoço, jantar, plantão de enfermagem, bingo e acompanhamento a passeios. "Não se pode excluir o idoso da sociedade. E Copacabana está perto de tudo", justifica.

Empresas cariocas como a Cetratrac, sintonizadas com pesquisas apontando para um maior rendimento da terceira idade em atividades que não exigem esforço físico e complicadas tecnologias, decidiram contratar idosos. Apesar de a escolaridade do brasileiro com mais de 60 anos ser de três anos — média que esconde 5,5 milhões que nunca estudaram —, segundo especialistas, funcionários mais velhos lidam melhor com trabalhos, mostram mais criatividade profissional e dão mais valor ao trabalho.

O psicólogo Impley Peter Watt, da Universidade Sheffield, explica que habilidades como lógica e memória que declinam com a idade, não são cruciais para a maioria dos trabalhos em uma economia baseada em serviços. A Secretaria Municipal da Terceira Idade, em parceria com o Trabalho, está formando o Balcão de Emprego para a Terceira Idade. Quinientos cariocas com mais de 60 anos já examinaram seus currículos e serão cadastrados em banco de dados informatizado.

Adaptações necessárias

Das mortes violentas de idosos no Rio, 28,3% são causadas por acidente de trânsito e transporte e 27,6% por quedas — em casa ou em locais públicos. "Faltam rampas e passarelas para travessia segura. O tempo de sinal estipulado para atravessar não leva em consideração o desempenho do idoso. Avenidas muito largas, carros em alta velocidade, tudo isso aumenta o risco", afirma a pesquisadora da Focruz Edmilina de Souza. Segundo ela, o Rio ainda não está preparado para atender a essa população crescente.

Por outro lado, pesquisa do Departamento de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas indica que os anos 90 foram a década do idoso no Brasil. Comparada com mais de 60 anos, a população com mais de 60 anos conseguiu os maiores avanços em acesso a serviços públicos.

O pesquisador responsável pelo estudo, Marcelo Nen, atribui as conquistas à Constituição de 1988, que universalizou o acesso de meio para um salário mínimo a aposentadoria rural. Continuam a pesquisa, 94% dos idosos vivem em residência com coleta de lixo, enquanto em outras taxas, a maioria não vai para 90%. "O problema é como manter as conquistas", afirma Nen, lembrando que apenas 25% dos brasileiros com mais de 70 anos têm algum plano de saúde. Segundo ele, previdência e saúde serão os desafios do Brasil do futuro.

Longevidade em perigo

Violência faz com que esperança de vida na cidade cresça menos que em outras capitais

Vida mais longa, mas nem tanto. Acidentes de trânsito, transporte, homicídio, suicídio e queda — as chamadas causas externas — são responsáveis por cerca de 25% mortes de idosos para cada grupo de 100 mil pessoas no Estado do Rio. As mortes violentas ainda são o sexto motivo de óbito na terceira idade. Números tão altos no país são encontrados em Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Roraima. Os resultados apontados por uma pesquisa do Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde da Focruz explicam por que a esperança de vida do carioca não subiu nos mesmos níveis de outras grandes cidades brasileiras. Caiu para o nono lugar entre as 12 maiores capitais.

O Índice de Desenvolvimento Humano do Rio, medido no fim do ano passado pela ONU, em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, mostrou que os homens vivem em média 63,64 anos e as mulheres chegam aos 73,97 anos, uma das maiores expectativas de vida do país. Entretanto, além de o índice se dividir por país,



Para os idosos, atravessar a rua é um fator de risco

nos — se nascer no Meier, pode esperar viver até os 83 anos e, se for de Ramos, até os 50 — o crescimento foi menor do que em outras cidades. O Rio capital com o mais alto índice de mortalidade do país — divisão entre o número de mortes pelo número de habitantes —, teve um crescimento da expectativa de vida de 11% entre 1981 e 1999.

O Rio tem elevadas taxas de mortalidade por causas externas desde a década de 50. Lembra a coordenadora da pesquisa elaborada pela Focruz, Edmilina Ramos de Souza. O estudo mostra que o Rio está entre os seis Estados brasileiros com o mais alto índice de mortalidade por causas externas.

As estatísticas confirmam o relatório Situação dos Idosos no Mundo 2002 organizado pela HelpAge International e divulgado na segunda-feira, que verificou que idosos de todo o mundo são vítimas de violência. No Brasil, ela é a sexta causa de morte entre idosos. No Rio, a cada 100 mil pessoas com mais de 60 anos, 22,9 morrem assassinadas.

CURSO DE LUCRO

Personalizado voltado para o seu problema e com uma análise psicológica inédita do público alvo e concorrentes. Em sua empresa ou apostilas.

Agora hoje
Prof. Luiz
Tel.: 2567-1366